



ESTADOS UNIDOS

O mais longo shutdown da história

No 36º dia, a suspensão dos serviços do governo federal atinge o recorde registrado durante o primeiro mandato do republicano Donald Trump. Senado fracassa pela 14ª vez em tentar acordo para reativar a máquina estatal

» RODRIGO CRAVEIRO

A paralisação dos serviços do governo federal dos Estados Unidos, conhecida como shutdown, chega, hoje, ao 36º dia e se transforma na mais longa da história. O recorde, até então de 35 dias, pertencia ao primeiro mandato do presidente Donald Trump, em 2019. Pela 14ª vez, o Senado fracassou em obter um consenso para tentar reabrir o governo. Desde 1º de outubro, quando o Congresso não conseguiu um acordo para aprovar o orçamento do ano fiscal de 2026, cerca de 1,4 milhão de funcionários públicos ficaram sem receber seus salários. Os servidores de áreas consideradas essenciais, como controladores de tráfego aéreo ou policiais, viram-se forçados a seguir trabalhando sem remuneração.

A concessão de ajuda alimentar passou a ser alvo de chantagem de Trump. Em sua plataforma social, o republicano revelou que os benefícios do Programa de Assistência Nutricional Suplementar (SNAP) “somente serão dados quando os democratas da esquerda radical abrirem o governo”. O alerta do presidente sugere uma mudança de tom. Na segunda-feira, a Casa Branca tinha indicado que liberaria benefícios parciais.

O secretário dos Transportes dos Estados Unidos, Sean Duffy, disse que o espaço aéreo do país pode ser fechado parcialmente por falta de pessoal. “Ontem (segunda-feira), 46% dos atrasos de voos foram causados por problemas de funcionários nas torres de controle de tráfego aéreo. Isso é inaceitável!”, escreveu na rede social X.

O Partido Republicano, que goza de pequena minoria na Câmara dos Representantes e no Senado, pretendia que cinco senadores democratas avaliassem sua resolução legislativa para manter os fundos até o fim de novembro

Jim Watson/AFP



O prédio do Capitólio ao amanhecer, em Nova York: impasse político sobre orçamento deixou milhões de servidores sem salário

e, nesse período, discutir os temas orçamentários de fundo. Em uma demonstração de impaciência, Trump pediu abertamente aos republicanos que lancem mão de uma medida considerada uma “arma nuclear legislativa”: a eliminação da barreira mínima de 60 votos no Senado, a fim de contornar a oposição democrata.

Economia

Historiador político da American University (em Washington), Allan Lichtman explicou ao **Correio** que “qualquer shutdown do governo prejudica a economia”. “Trabalhadores afastados reduzem seus gastos, assim como o governo. Funções governamentais vitais para o suporte à economia também cessam. Embora não seja certo, uma paralisação prolongada representa o risco de recessão em uma economia instável”, advertiu.

Eu acho...

Arquivo pessoal



“Uma pesquisa recente demonstra que a taxa de aprovação de Donald Trump despencou para o menor nível em seu segundo mandato e atingiu a marca dos 37%. As sondagens indicam que o presidente republicano lidou mal com a paralisação do governo. Sua tentativa de culpar os democratas não está funcionando. As pessoas querem seus benefícios do Programa de Assistência Alimentar Suplementar (SNAP) e os subsídios da Lei de Acesso à Saúde (Affordable Care Act), que Trump está bloqueando.”

Allan Lichtman, historiador político da American University (em Washington)

De acordo com Lichtman, o shutdown tem surtido efeito negativo sobre a popularidade de Trump. “Pesquisas mostram que mais americanos culpam Trump pela paralisação do que os democratas. Além disso, a limitação do acesso ao SNAP e outros benefícios afetará negativamente

dezenas de milhões de americanos e seus dependentes”, afirmou o especialista.

James Naylor Green — historiador político da Brown University (em Rhode Island) — lembrou que, nas paralisações anteriores, o governo sempre pagava os funcionários no retorno ao trabalho. “Dessa

vez, parece que Trump não fará isso e, provavelmente, ficará sujeito a processos por parte dos sindicatos. O impacto sobre a economia deve-se muito mais ao desemprego, caso servidores sejam demitidos”, disse à reportagem.

Ele assegurou que todas as pesquisas responsabilizam os republicanos por impedirem um acordo para aprovar o orçamento e reativar os serviços do governo. “As mais recentes sondagens, apresentadas na segunda-feira, mostram que mais de 60% dos americanos desaprovam todas as políticas de Trump. Ele está com o ponto mais baixo de popularidade”, admitiu Green. O professor da Brown University destacou que, uma vitória democrata nas eleições para governadores de Nova Jersey e da Virgínia, e para prefeito de Nova York (**leia nesta página**), será um sinal importante para os republicanos perceberem a necessidade de uma mudança de rumo da política.

Leonardo Muñoz/AFP



Zohran Mamdani, do Partido Democrata: “Não serei intimidado”

Um socialista na Big Apple

O esquerdista muçulmano Zohran Mamdani, 34 anos, figurava como o favorito para chefiar a Prefeitura de Nova York, durante a votação de ontem, no primeiro teste eleitoral do novo governo de Donald Trump. Até o último momento, o presidente dos Estados Unidos tentou desacreditar Mamdani e chegou a ameaçar com represálias, caso ele fosse eleito. “Qualquer judeu que vote em Zohran Mamdani, um antisemita declarado e comprovado, é uma pessoa estúpida!!!”, escreveu o republicano em sua plataforma Truth Social.

“Se o candidato comunista Zohran Mamdani vencer a eleição para prefeito de Nova York, é altamente improvável que eu contribua com fundos federais”, acrescentou, em outra publicação. Mamdani rebateu: “Não serei intimidado por este presidente”

Nascido em Uganda em uma família de origem indiana e naturalizado americano, Mamdani se descreve como socialista e fez campanha com a promessa de reduzir os custos de vida para os nova-iorquinos comuns. Na pesquisa mais recente da AtlasIntel, ele liderava as intenções de voto por sete pontos, com 41%. O ex-governador estadual Andrew Cuomo, acusado de agressão sexual e que concorreu como independente, aparecia com 34%. As urnas fecharam às 21h pelo horário local (23h em Brasília).

Morre Dick Cheney, 84, ex-vice e arquiteto da "guerra ao terror"

Ele entrou para os livros de história como um falcão republicano que arquitetou a guerra ao terror depois dos atentados de 11 de setembro de 2001 contra o World Trade Center e o Pentágono. Considerado o vice-presidente mais poderoso dos Estados Unidos, Richard Bruce Cheney — mais conhecido como Dick Cheney — morreu, na noite de segunda-feira, aos 84 anos, vítima de complicações causadas por uma pneumonia e de doença cardiovascular. “Durante décadas, Dick Cheney serviu à nossa nação, como chefe de gabinete da Casa Branca, congressista por Wyoming, secretário de Defesa e vice-presidente dos Estados Unidos”, afirma uma nota divulgada pela família. “Era um grande e bom homem que ensinou seus filhos e netos a amar o nosso país e a vier com coragem, honra, amor e bondade.”

Cheney foi vice durante os dois mandatos de George W. Bush, entre 2001 e 2009. Em nota à imprensa, Bush declarou que o antigo companheiro de governo foi “um dos melhores servidores públicos de sua geração” e “um patriota que trouxe

integridade, alto intelecto e seriedade de propósito a cada cargo que ocupou”. “Dick tinha uma presença calma e firme na Casa Branca, em meio a grandes desafios nacionais. Conteí com seu conselho honesto e franco, e ele nunca fracassou em dar o melhor. Manteve suas convicções e priorizou a liberdade e a segurança do povo americano”, acrescentou Bush.

Iraque

Antes de chegar à vice-presidência, Cheney ocupou o posto de secretário da Defesa durante o governo de George H. Bush, pai de George W. Bush, e foi o responsável por comandar o Pentágono na invasão ao Iraque, em 1990. Treze anos depois, tornou a planejar um ataque ao país de Saddam Hussein no âmbito da guerra ao terrorismo. A ação militar no Iraque baseou-se em falsas evidências de que o então ditador iraquiano possuía armas de destruição em massa e terminou na prisão, julgamento e morte por enforcamento de Saddam.

Ao **Correio**, Barton Gellman — biógrafo de Cheney e autor de *Angler: The Cheney*

Patrick T. Fallon/AFP



Cheney fotografado em 2022: pneumonia e doença cardiovascular

Vice-Presidency (Pescador: a Vice-Presidência de Cheney) — afirmou que o republicano foi “o vice mais influente da história dos EUA, para o bem e para o

mal”. “Ele tinha três qualidades raramente vistas combinadas: era um articulador nato, com profundo conhecimento do governo; possuía uma sede de poder

Eu acho...

Robin Davis Miller



“Dick Cheney distorceu a lei o máximo que pode, mas nunca aconselhou a sua violação direta ou o desrespeito a uma ordem judicial. Quando o seu partido apoiou uma tentativa de golpe e se tornou uma ameaça à própria Constituição, como ele a via, rompeu com o apoio que lhe fora dado durante toda a vida e manifestou-se veementemente contra o seu então líder.”

Barton Gellman, biógrafo de Dick Cheney e autor de *Angler: The Cheney Vice-Presidency (Pescador: a Vice-Presidência de Cheney)*

feroz; e demonstrava opiniões políticas intensas que beiravam o fanatismo. Alguém assim faz diferença”, disse.

De acordo com Gellman, Cheney foi o arquiteto de uma “guerra desastrosa” no Iraque e tomou medidas extremas para combater o terrorismo, “ambas rejeitadas pelos americanos”. “No entanto, também foi um patriota, que nunca parou de acreditar que suas escolhas serviam ao povo, gostassem ou não”, destacou.

O biógrafo lembrou que o ex-vice de George W. Bush era reservado e acreditava que, dessa forma, teria maior impacto. “Mas também era honesto sobre suas opiniões, apesar de ocasionalmente mentir por razões convenientes. Cheney nunca foi corrupto, apesar das falsas acusações contra a Halliburton”, acrescentou Gellman. A empresa, então dirigida por Cheney, teria superfaturado ao entregar combustível para tropas americanas no Iraque, em 2003. (RC)